

Discurso de Posse na Academia de Letras de São João del-Rei

Professor Dr. Thiago Cristian Barbosa Nunes

Ilustríssima Sr^a. Terezinha de Jesus da Silva, amiga e mui digna Presidente da Academia de Letras de São João del-Rei, quem admiro e agora tenho a alegria de chamá-la de irmã, de confreira, em nome de quem saúdo toda esta seleta mesa de honra desta solenidade.

Meus familiares, minha mãe Sueli, minha esposa Mariana e minha filha Laura, esteios da minha vida. Digníssimos confrades e digníssimas confreiras. Autoridades que aqui se fazem presentes. Senhoras e Senhores.

A palavra que melhor define este meu discurso nesta manhã é “agradecimento”. Agradecer hoje é meu dever de ofício, dever de acadêmico, dever de cidadão, portanto, agradeço a todos os presentes, a minha família e aos meus amigos de perto e de longe a presença. Diante de vós, vibra meu coração nesta manhã festiva, policromada de ouro e de azul, que nunca mais sairá das paredes da minha memória. Tudo e todos que vejo aqui me deixam muito feliz.

Quando vejo aqui os meus confrades e minhas confreiras, de antemão eu vos peço, ou melhor, imploro, não me abandonem sob este raro peso existencial da imortalidade.

Diante desse cenário, sinto a forte lembrança do início de tudo, a origem, a motivação que me fizeram chegar até este importante momento, com toda certeza, deveu-se aos Professores e Professoras que me ensinaram muito mais do que ler, escrever e fazer conta. Mas tudo isso, ainda seria pouco, se não tivesse a minha família e meus amigos donde tirei forças para continuar caminhando nos momentos firmes e trêmulos, nas luzes e nas sombras.

É esta rede de sentimentos e ações que fazem com que nossos objetivos sejam alcançados. Nunca imaginei que este longo caminho me trouxesse à Academia de Letras de São João del-Rei. E por falar em São João, um pensamento vem ao coração: Terra verdadeiramente feliz, São João del Rei - é uma voz singular que veio do passado e está sempre a sussurar aos ouvidos no presente da nossa história. É a terra das tradições, cheia desse exímio perfume do extraordinário. De fato, de suas janelas, se vê que São João não vive apenas de lembranças e recordações. Se vê que São João respira, recorda, acorda, inspira, transpira, trabalha, festeja, sonha, ama e vive! E a gente até se torna cúmplice disso tudo”. Ao proferir esta apologia a esta terra, confesso: estou muito emocionado, mas agora devo recompor-me e retomar o protocolo.

Há exatos 30 anos, eu chegava para estudar no antigo seminário do Caraça. Certa vez, passeando num fim de tarde pelo pátio sombreado das seculares palmeiras do antigo Colégio do Caraça, notei que o brilho do sol poente e a luz pálida do crepúsculo se combinavam, imprimindo à aproximação da noite uma beleza fora do comum, de encanto ímpar das Gerais, então, eu e a Serra ficávamos intertidos com o Cruzeiro do Sul. Eu bem discernia a causa de tudo isso na impressão produzida em minha alma de mineiro, por aquele espetáculo: aquela visão de rara beleza eclipsara a consciência de mim mesmo. Até então, ao ritmo diário da vida de seminarista, o Eu me atravancava a consciência, alterando e encobrendo toda aquela perspectiva. Naquele instante, ao contrário, esse Eu passara para um segundo plano, e pude distinguir o mundo sob seu verdadeiro aspecto. Tudo nele cintilava uma eterna fome de beleza. Hoje, como ex-aluno do Caraça e ainda inspirado por aquele lugar, sua rara biblioteca e na linha sucessória dos grandes brasileiros que passaram por aquele educandário, tive a consciência de que nascera em mim, naquelas tardes, a necessidade de escrever.

Esta necessidade de escrever levou-me ao enalço da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette que vem abrigando, literatos e cultores das mais diversas áreas do saber e das mais diversas profissões. Esta Academia gerou, ao longo desses anos, um convívio culturalmente múltiplo entre seus membros, representantes de valores intelectuais da vida de Lafayette. Romancistas, poetas, críticos literários, contistas aqui convivem com jornalistas, historiadores, cientistas, filósofos, teólogos, cultores das ciências humanas e sociais e das diversas artes. E também profissionais da educação, da medicina, do direito, da comunicação e de numerosos outros campos da atividade humana. Cabe lembrar o saudoso Fundador daquela Casa, o Escritor Alberto Libânio, a quem elevo meu pensamento ao alto pela sua grandeza, sendo o homem que escreveu os *Queluziadas*, que só o tempo traduzirá a magnitude desta obra: “Não permita, Deus que eu morra” sem que veja estes dias.

Wickham Steed, um antigo editor do *The Times*, de Londres, certa vez disse com muito acerto: “o escritor ideal é aquele que domina e assimila a sabedoria dos antigos, as filosofias dos mais modernos, o conhecimento dos cientistas, a mecânica dos engenheiros, a história da sua e a das outras épocas.” Porque escrever é um ato existencial prioritário nas curvas da historicidade dos autenticamente vocacionados para as lides literárias. Porque escrever é comunicar-se, é estender a mão ao outro para tocá-lo em sua sensibilidade. É convidar o próximo para o diálogo silencioso e fecundo de almas em busca de comunhão. “E o que é escrever, para o escritor? Escrever é, para mim, uma das formas de conviver. E, pois, de viver e de conviver. “Transviver”. Escrever é uma constante busca da verdade e não das certezas periféricas que iludem a inteligência e a distraem da tarefa mais consistente de perquirir e sondar o núcleo do Ser que, essencialmente, se situa no imo da alma e está aberto ao outro e à transcendência.

Hoje é comum que as pessoas só encontrem valor no que é fátuo, no que é infame, no que é *fast*, no que é grosseiro, no que é plástico, no que é nulo de amor e de razão, no que é espúrio, no que é raso, rasteiro e descartável. A profundidade e a magnitude da literatura, seja em Poesia ou em Prosa, estão sendo relegadas a segundo plano, por uma Sociedade imediatista e cada vez mais arraigada a valores repugnáveis, e é nossa função, lutarmos pela manutenção desta arte, pela valorização dos escritores, pela divulgação dos trabalhos de nossos poetas. Mas como pode a Poesia sobreviver em um mundo que tende à fria indiferença e à repetição mecânica? Como é possível ser escritor quando tudo conspira a favor da desistência? Quem nos oferece a resposta é o maranhense Ferreira Gullar: “a Poesia não resolve problemas, mas eleva a alma. É uma coisa bela, é uma alegria para sempre”. De certo, é papel das Academias a criação de mecanismos que estimulem e apoiem o fazer literário. “*Hoc sentire prudentiae est, facere fortitudinis, et sentire vero et facere perfectae cumulataeque virtutis*”. Assim, pensar é do sábio, assim agir é do bravo, mas, ao mesmo tempo, assim pensar e agir é do perfeito e verdadeiro herói.

Quem alista-se nas fileiras das Academias compete participar de um humanismo compatível com este século do conhecimento, apto a interagir com as ciências humanas. Seu papel é preservar e valorizar a memória: a língua como instrumento do conhecimento e da convivência; as letras como reveladoras, formadoras da identidade de um povo; a cultura preservada e habilmente inserida nos processos civilizatórios, caracteristicamente brasileiro. Sem deixar de fora nada do que é humano, a ciência, que reside no espírito, que observa e explica; e a poesia, que habita a alma, que sente e compreende. Esse século nos vem revelando um mundo conexo e interdependente pela internet. É o momento de homens e mulheres, embebidos de uma visão humanista, forcejarem por tornar mais amiudado o diálogo interpessoal e entre nações, aptos a lograrem o entendimento, a concórdia e a paz. A voz dos humanistas faz-se crescentemente necessária. “Ou o homem, ou nada...”

Finalmente, meus caríssimos, tal como um noviço que inicia sua longa jornada pelos desconhecidos e difíceis caminhos ao maravilhoso Corifeu da Sabedoria, assim também hoje o faço. E o faço, evidentemente, como humilde acadêmico, ao transpor os umbrais deste silogeu das palavras, de tantas glórias e tradições. Alcançar a imortalidade tem um sabor todo especial, superior às vulgaridades que não é insólita arrogância de acadêmicos e pensadores.

Agradeço, mais uma vez, a Deus, por permiti-me chegar até aqui para viver este momento singular, de reconhecimento pela minha pequena condição de escritor e na presença das pessoas que tanto amo. Agradeço por permitir aos meus verem estes acontecimentos. Agradeço também aos membros desse sodalício, por permitirem que um escritor, o menor dos menores, a tomar parte desta instituição tão importante, reduto de intelectuais, homens e mulheres de bem e dotados de pensamento tão profícuo e ubertoso. Chego à Academia em idade crepuscular, o que confere a vantagem de permitir-me saborear melhor e por mais tempo, um dos poucos prazeres da alma - a cultura - que sobrevive à desconstrução de muitos jovens.

Hoje, com enorme emoção, estou sendo convocado para uma reunião de alto-comando, para participar de um estado-maior das letras desta querida cidade de São João del-Rei cujas decisões são da maior importância para o desenvolvimento e a cultura do povo dessa terra. Aqui estou ao lado de ilustres generais, uniformizados com suas pelerines, azuis marinho do saber, e com seus alarmares de ouro, que simbolizam a profunda cultura e a experiência daqueles que já provaram dos resultados do estudo aprofundado e inspirado, não só das letras, como das ciências e das artes, e principalmente dos interesses deste torrão sagrado, das nossas Minas Gerais, e enfim, de toda a comunidade brasileira. E as palavras que acabo de proferir fiquem para sempre gravadas nos anais desta casa. Tenho dito.

São João del-Rei, aos dias 20 de abril de 2024.



Prof. dr. Thiago - Academia de
Letras de São João del-Rei / MG
(Foto: José Antônio de Ávila, 20.04.2024)